

Intervenção de Sua Excelência Vice-Presidente da República de Angola, Esperança da Costa, na mesa redonda sobre “*Investimento nos Sistemas de Segurança Alimentar de África*”, painel em participaram Sua Excelência Presidente da República Unida da Tanzânia, Samia Suluhu Hassan, e Sua Excelência Presidente da Etiópia, Sahle-Work Zewde, entre outras personalidades.

*Centro Internacional de Convenções Kenyatta – KICC,
Nairobi, Quénia, 05.09.2023*

...
“Angola teve, nos últimos anos, de 2017 a 2022, um novo programa de desenvolvimento. A nível do país havia uma economia fortemente dependente do petróleo, e ainda temos, e estamos a fazer esta transição. E o Governo priorizou, naquilo que é o seu programa nacional de desenvolvimento, a Segurança Alimentar, e sobretudo, a agricultura familiar, mas também o desenvolvimento de toda a cadeia de valorização dos produtos agrícolas, com o agronegócio, identificando-o como fundamental, para a saída das várias ameaças e dos vários desafios, que fomos enfrentando, devido as externalidades, choques externos, crises financeiras, e redução do preço do petróleo.

Portanto, tudo isto tinha impacto na nossa economia. Identificamos um Programa de Apoio à Produção, Diversificação das Exportações e Substituição das Importações (PRODESI) e com este programa valorizamos a diversificação da economia, olhando não mais para o sector petrolífero como o principal contribuinte, mas para o sector agrícola.

Introduzimos reformas ligadas ao desenvolvimento de alguma tecnologia que permitiam o acesso e a melhoria da produtividade. Olhamos, sobretudo, para mais capacitação dos nossos agricultores, olhamos para as cooperativas e olhamos também para a questão da gestão integrada das pragas, no sentido de reduzir as perdas da produtividade.

Por um lado, olhamos também para melhoria e integração de práticas agrícolas mais sustentáveis, menos poluidoras e de maior rentabilidade, olhamos para a questão do melhoramento das sementes, olhamos para a melhoria dos vários insumos e fertilizantes. Mas, olhamos também para a necessidade de valorizar o conhecimento local que lida directamente com variedades selvagens, que são resistentes às várias intempéries e ameaças e consequências das alterações climáticas.

Por outro lado, achamos, sem dúvida, que para melhorar a segurança alimentar era necessário dar atenção às mulheres e à participação da juventude.

Angola tem o seu maior potencial produtivo na juventude. Cerca de 60 por cento da força de trabalho activa, em Angola, é jovem. E, então, é para a juventude que nos dirigimos com capacitação, com a atribuição de porções de terras, com a atribuição de crédito às cooperativas formadas, neste âmbito. Ainda não atingimos o desejável que é a participação activa no agronegócio, no desenvolvimento da cadeia agrícola, no asseguramento de oportunidades à

juventude para participar directamente na agricultura conservativa, na agregação de valores aos produtos, para consumo interno e para exportação.

Fizemos este caminho e estamos agora a incentivar o processo produtivo com dois programas fundamentais, que são o Planagrão, que visa incentivar e, olhando para as ameaças e consequências da guerra, que nos colocou numa situação complicada a nível dos cereais, estamos a promover a produção interna dos cereais. É uma oportunidade para Angola e estamos a dirigi-las directamente à juventude para esta revolução verde.

Por outro lado, estamos a olhar para a questão da agropecuária, com realce para a produção animal. E Angola, sendo um país costeiro, está a dar ênfase à formação de cooperativas voltadas ao desenvolvimento da economia azul, que deve contar com a participação de mulheres, a nível de cooperativas ligadas ao processamento de pescado, mas também com a participação da juventude, também organizada em cooperativas com vista a melhorar a cadeia de valor das pescas e daí, melhorar a contribuição ao Produto Interno Bruto.

Por termos tido esta experiência, defendemos agora, uma maior inclusão financeira da juventude, mas também das mulheres. As mulheres jogam um papel preponderante na área da agricultura familiar, que é feita, em quase 70 por cento, por mulheres. Tivemos de facto de fazer esta mudança de atitude e esta mudança de prioridade de programa no que diz respeito à economia, que passa por virar agora para a diversificação da economia e ir reduzindo o “income” do mundo petrolífero na nossa economia.”